

O Boi Pintadinho: possibilidades para educação musical escolar no Norte Fluminense

Hélio da Silva Júnior
Priscila Garcia de Sousa e Silva
Wilson dos Santos Souza

É consenso entre os educadores que a aprendizagem se dá a partir do diálogo entre o saber prévio do aluno, a proposição de expansão e todas as relações de interação. Prerrogativas do ensino, elucidadas por Vygotsky 1930, no que diz respeito a constituição do sujeito, enfatizando o aspecto cultural do desenvolvimento humano como pressuposto indispensável que integra o homem como ser social e histórico.

Nessa perspectiva, a cultura apresenta-se como norteador da constituição do sujeito, como corroboram Vygotsky 1930 ; Leontiev 1978; Luria 1991 , na reafirmação da cultura como mediadora do processo de hominização, essa constituição do ser humano, o que nos remete a valorização do tempo, espaço, códigos linguísticos, instrumentos, constructos que regem o processo de desenvolvimento no curso da história.

Ressaltamos que grande parte dos escritores contemporâneos da educação musical afirmam a necessidade de apropriação cultural no processo de desenvolvimento reflexivo permeando a valorização da vivência musical do aluno, interagindo com sua história e paisagem sonora comunitária.

Entende-se que a promoção da apropriação cultural deve ser uma proposição formativa presente na atuação docente, deve haver uma intencionalidade de imersão na manifestação folclórica regional, que reflete uma práxis educacional na valorização das canções de tradição oral para o ensino de música na escola.

Neste contexto, pode se dizer que a apropriação cultural do sujeito deve ser um pressuposto da educação, refletido em um currículo que tem a pretensão de contribuir à constituição do ser humano.. Gainza 19 30 ,pedagoga argentina, sempre apresentou enfaticamente a importância do folclore como veículo de uma cultura: “[...] a educação

auditivamente ao seu redor, daí a importância do folclore musical como ponto de partida para o ensino [...] GAINZA, 1930, p.45

Para Paz 2012, o folclore é um material expressivo e dinâmico para educação musical, pois “[...] apresentam os traços fundamentais de continuidade tradicional das nações”. PAZ, 2012, p.122. Ermelinda A. Paz 2012 elenca como referencial metodológico os trabalhos dos educadores musicais da primeira metade do século XX, que pautam suas teorias de ensino musical em raízes folclóricas: Dalcroze, Orff, Suzuki, Martenot, Kodály e Villa-Lobos.

Evidencia-se a necessidade de refletir sobre a educação musical na escola que se apresenta no século XXI: Em que a educação musical tem contribuído para a constituição desse humano? E mais especificamente, a cultura historicamente produzida pela humanidade faz parte desse currículo ou ele é minimizado ou negado? Não se trata, portanto, de ensinar folclore, antes, porém um ato político de reafirmação cultural, pertencimento e valorização.

O folclore pela sua proximidade ao universo educativo contribuiu para formação da sua identidade cultural, além de cultivar e cuidar da memória de uma nação, entre os educadores musicais do século XX, Kodály Hungria 1882 -1967 declara “Que a música pertença a todos”. KODÁLY, 1962, p.23

Enfatizando a construção da identidade e pertencimento consideramos, a afirmação de Bhabha 2000 sobre a formulação e conceituação das identidades; a imagem na sociedade contemporânea torna-se um motivador não só de reconhecimento social, mas também de um reconhecimento estético da identidade. BHABHA, 2000, p. 75.

Diante deste contexto, buscamos o estabelecimento de um currículo, para o ensino de música escolar, a ser aplicado no município de Macaé e outros municípios adjacentes do norte fluminense, que se apresentasse como elo, uma ponte entre a vivência dos alunos e a experiência prática em sala de aula, sem perder sua dimensão folclórica. Após alguns anos de vivência junto as comunidades, foi possível observar uma oportunidade de desenvolvimento na presença maciça da expressão folclórica do “boi pintadinho” na cidade.

É consonante entre os proponentes de métodos ativos para o ensino de música que o ponto de partida é a vivência musical do aluno. Souza 2009 acrescenta que a vivência

musical do aluno, sendo esta, parte das relações do cotidiano com o ensino da música para além de ser orientadora é uma possibilidade de compressão do próprio aluno.

Schafer 1991 , em seu registro de atividades docentes afirma iniciar seu processo de ensino através da pesquisa do interesse musical de seus alunos. Swanwick 2003 , reforça ao dizer que cada aluno traz consigo sua própria vivência musical quando chega a escola e que a mesma não os introduz a música já que são bem familiarizados com ela.

O ensino de música na escola partindo da vivência do aluno contribui para a ampliação de sua experiência cultural e sua música, qualquer que seja ela, pode e deve ser trazida para sala de aula. Penna, 2008, p.224 Para que o ensino de arte possa de fato contribuir para essa ampliação da experiência cultural, deve partir da vivência do aluno e promover o diálogo com as múltiplas formas de manifestação artística. PENNA, 2008, p. 99

A história oral localiza o início dos folguedos de boi com os africanos e caboclos, entretanto a história dessa cultura no Brasil leva a crer que, como em outras regiões, esta festividade esteja ligada ao cultivo da cana de açúcar. Segundo Freyre 19 89 o escravo cultivava uma relação íntima junto ao boi pintadinho, seu companheiro de trabalho, que posteriormente. tornou-se também um elemento presente nas celebrações. O autor chega a referir-se ao boi como um familiar do escravo.

“O escravo vindo da África não encontrou aqui melhor companheiro do que o boi para seus dias mais tristes. Para os seus trabalhos mais penosos. Quando depois o boi associou-se também aos dias alegres do negro de engenho os de dança, de cachaça, de festa, na figura do bumba meu boi é natural que o negro tenha feito desse drama popular um meio de expressão de muita mágoa recalçada: a glorificação do boi, seu companheiro de trabalho, quase seu irmão”. FREIRY, 1989, p.66

Existem variantes, ressignificações e, em alguns lugares, a própria inexistência de auto. O mais comum, é aquele que narra a história da morte e ressurreição do boi norte/nordeste. O núcleo de suas tramas é a morte de um boi precioso pertencente a um rico fazendeiro por um vaqueiro Pai Francisco, ou nego Chico premido pelo desejo de sua mulher grávida de comer a língua do dito boi. Essa "traição" ao amo, que é ao mesmo tempo "lealdade" à esposa, provoca um terrível impasse quando descoberta. Um médico e

um padre tentam a ressurreição do bicho, finalmente obtida por um pajé. Aí então, nos dizem essas narrativas, "o grupo todo celebra em festa". SILVA, 2010, p.63

Situamos a “brincadeira” entre as multiformes apresentações existentes nas mais diversas regiões do Brasil: “Boi-Bumbá” no Norte, “Bumba-Meu-Boi” no Nordeste, Reis de Boi, Boi Pintadinho, Boi Malhadinho e Boi de Reis no Sudeste, Boi de Mamão no sul, Santa Catarina. Andrade 2002 considerava o “boi” uma dança dramática e dizia ser ela a mais original, complexa e exemplar de todas. Nesse sentido, destaquem-se o Boi-Bumbá e Parintins e o Bumba-Meu-Boi do Maranhão, pela projeção nacional que tem hoje, conjugando, a um só tempo, tradição e evolução.

Em Macaé, o Boi Pintadinho ocorre no ciclo carnavalesco, e segundo site da prefeitura Macaé, 2010, possui cento e sete anos de existência. De acordo com o blog bois pintadinhos de Macaé, há em torno de noventa bois catalogados pela LIECAM Liga Independente das Entidades Carnavalescas de Macaé, que coordena os desfiles de carnaval, sendo o município recordista em número de bois em todo Brasil.

O “boi” é uma tradição típica dos bairros de periferia e envolvem as comunidades. Bois grandes confeccionados pelos artesãos mais experientes, ou bois menores feitos por crianças e adolescentes, que pedem dinheiro nas esquinas para financiar a construção do “boi” da própria rua. Situamos o Boi Pintadinho em relação ao de Campos, que tem o mesmo nome, e ao Boi Malhadinho de Quissamã.

Como manifestação cultural das periferias, “petroperiferias” RIBEIRO, 2013, designando a periferia da Capital Nacional do Petróleo, cujo poder público não é capaz de traduzir em políticas sociais a riqueza gerada pela exploração do “ouro negro”, o Boi Pintadinho é uma resposta, em nível simbólico, que as comunidades dão à sua invisibilidade social, constitui elemento de representação cultural HALL, 2016 e ao mesmo tempo de resistência o “Boi Pintadinho” resiste às transformações urbano/culturais geradas pela vinda da Petrobras para o município desde 1977.

No mês que antecede ao carnaval, segundo relato de moradores do bairro da Aroeira em Macaé, todos os dias ao cair da tarde seguem os foliões pelas ruas do bairro, guiados por seus “bois pintadinhos”, cantando, dançando e batucando seus tambores. Crianças seguem os adultos com suas latas nas mãos e pequenos bois, feitos de caixas de materiais recicláveis como caixas de papelão. Observando a manifestação folclórica do

“boi pintadinho” é possível identivar-se algumas conexões com a abordagem para o ensino de música de Carl Orff.

No início do séc. XX o compositor Carl Orff desenvolveu uma abordagem para o ensino de música baseada na integração das linguagens artísticas e no ensino baseado no ritmo, no movimento e na improvisação. Além disso, Orff construiu uma série de instrumentos de percussão, hoje conhecidos como instrumentos Orff. Os toques em eco, as perguntas e respostas, improvisações, ostinatos, que acontecem como uma grande “brincadeira” embalada pelo canto e pela dança em torno do folguedo, assemelham-se, a metodologia de ensino da música proposta por Carl Orff. Fonterrada, 2005, p.159,161.

É notória em Macaé a presença do “boi pindadinho” na cultura e na história da cidade. Os batuques e cantorias de quem participa desta tradição fazem parte do imaginário coletivo do povo macaense e, certamente, ocupam lugar de destaque em sua vivência musical. Mais de noventa bois divididos em doze bairros, reafirmam a tradição centenária do “boi pintadinho” macaense, que é percebida pelas ruas e renovada a cada ano.

Ratificando o que foi citado anteriormente, a manifestação folclórica do “boi pintadinho” revela diversas possibilidades de aplicação da abordagem sugerida por Orff para o ensino da música e, para além de uma perspectiva meramente folclorista, faz parte ativamente da vivência musical dos alunos. Portanto a construção de um currículo baseado nas relações entre esta vivência e a abordagem de Orff, é o que Paulo Freire se refere como sendo algo não imposto, doado ou depositado nos educandos .E sim uma devolução sistematizada, organizada e acrescentada ao povo dos mesmos elementos que este entregou de forma desestruturada. É dialogicidade entre a vivência dos alunos e a abordagem pedagógica. Freire,1978,p.98

Portanto é relevante a proposta de elaboração de uma abordagem pedagógica e curricular para educação musical, de acordo com os elementos históricos, políticos, sociais e econômicos circundantes ao fazer pedagógico e que considere o folclore do “boi pintadinho” como uma das vivências musicais dos alunos da cidade de Macaé, valorizando a constituição histórica e social do ser, estabelecendo relações com a abordagem de Orff para o ensino de música.

Referências

ANDRADE, M. Danças Dramáticas do Brasil. Editora Itatiaia. 2002

CASCUDO, L. C.. Dicionário do Folclore Brasileiro. Editora da Universidade de São Paulo. 1988

CAVALCANTI, M. L. V.de C. **O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas:** breve história e etnografia da festa. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Vol. VI suplemento, 10191046, setembro 2000.

_____. **Tema e variantes do mito:** sobre a morte e ressurreição do boi. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132006000100003>. Acesso em 26/06/2017 Disponível em: <http://www.cmfolclore.ufma.br/site/index.php/olhar-memoria-e-reflexoessobre-a-gente-do-maranhao/> Acesso em 25/06/2017

BHABHA, H. *O Local da cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2000.

BRASIL. **Lei No 11.769**, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei N 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Brasília, DF, 2008a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm>. Acesso em: 5 janeiro de 2014

BRUSANTIN, B . Viva o Boi: análise comparada das manifestações culturais dos trabalhadores catarinenses e pernambucanos no século XIX e início dos XX. *In: Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, 3., 2007.

ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 17, 2007, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: ABEM, 2007.

FONTEERRADA, M. **De tramas e fios:** um ensaio sobre música e educação. São Paulo: Unesp, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREYRE, G. **Nordeste**. 6 ed. Rio de Janeiro, Record,1989.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri; PUC, 2016.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. v. 1 e v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

OLIVEIRA, F. A. **Materiais didáticos nas aulas de música:** um survey com professores da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre – RS. 2010. 120 f. Dissertação Mestrado em Música – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6010/000479353.pdf?seque>>. Acesso em: out.

2017.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

PENNA, M. **Músicas e seu ensino** . 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RIBEIRO, D. R. **A educação popular e o popular na educação**: um mergulho nos sentidos do cotidiano de uma escola pública em uma petroperiferia urbana. Dissertação de Mestrado. UERJ São Gonçalo. 2013.

ROCHA, G. L. F. da. O artista popular: reinvenções e as novas apropriações dos reis de boi. **IX EHA – Encontro de História da arte**. Unicamp. 2013. Disponível em:
<<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2013/Gisele%20Lourencato%20Faleiros%20da%20Rocha.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2017 .

SCHAFER, M. **O ouvido pensante**. São Paulo: Unesp, 1991.

SILVA, E. de O. **Tem boi na foto**: investigação sociológica sobre a identidade das festividades do boi em Campos dos Goytacazes. *VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 12, n. 1, p. 63-86, jan./abr. 2010.*

SOUZA, J. **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SOUZA, M. de M. O Boi malhadinho: tradição e criatividade. In MARCHIORI, Maria Emília Prado et al. Quissamã. MinC/ pró-Memória/ SPHAN 6ª Diretoria Regional. Rio de Janeiro – 1987.

SWANWICK, K. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moerna, 2003.